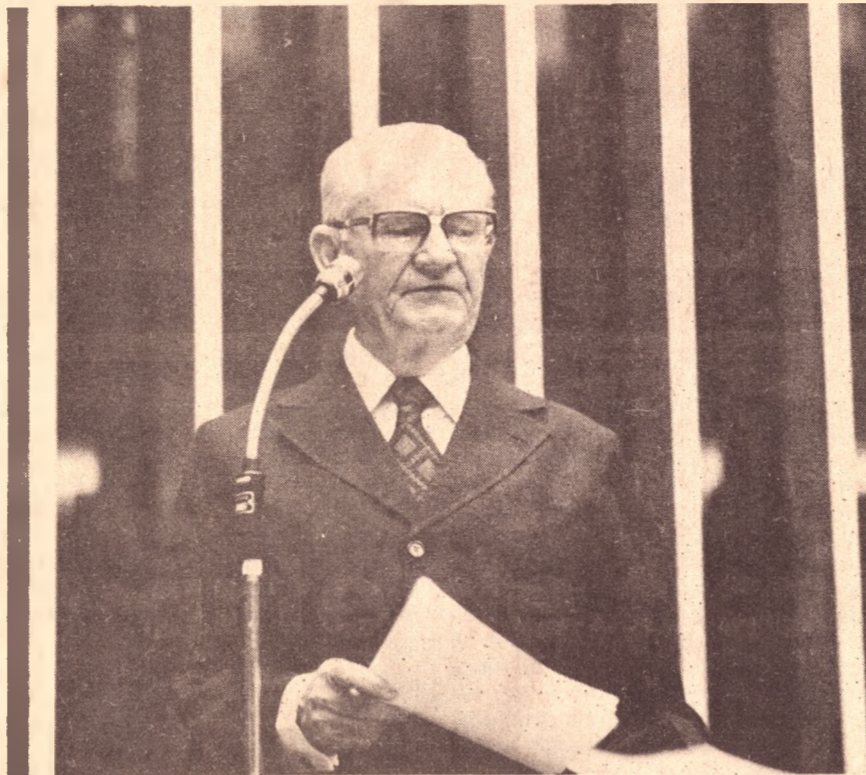


Greve pára a FNM três dias

Geisel Tranquiliza Alto Comando do Exército:



Luz Humberto - ABRRESS

REFORMAS NÃO MUDARÃO O REGIME

As reformas políticas anunciadas pelo presidente Geisel aos chefes da ARENA, não implicarão em perda de substância, do regime; ao contrário, visam assegurar sua integridade, conforme o próprio presidente informou ao Alto Comando do Exército. Garantiu ainda que o próximo presidente da República será um general, a extamente para dar continuidade à "revolução." A ARENA o presidente pediu a vitória nas eleições de 1978 e disse que as regras do jogo vão mudar no fundamental. Ou seja, permanece a Lei Falcão.

Egydio defende Erasmo. Quem defende Egydio?

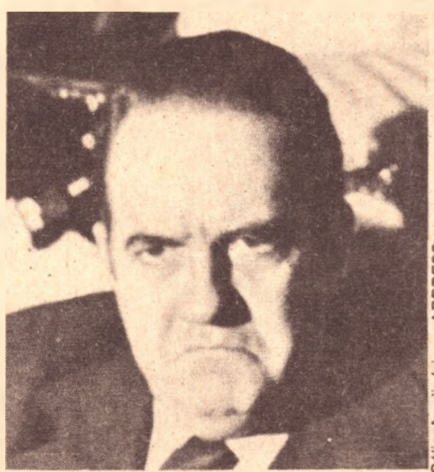
"Difícilmente o réu maior punirá o réu menor", disse a Em Tempo um dos líderes estudantis de São Paulo, comentando o relatório da Comissão Especial de Inquérito da Assembléia Legislativa que culpou o cel. Erasmo Dias pela violência da invasão policial da Universidade Católica.

Declarou o diretor do DCE-Livre da USP "Alexandre Vanucci Leme": "Réu não é somente o cel. Erasmo Dias. réu é o regime que coíbe a liberdade de organização e expressão dos setores oprimidos. Difícilmente o réu maior punirá o réu menor, a menos que a opinião pública o obrigue a dar um passo atrás e escolher um bode expiatório para salvar as aparências."

O governador Paulo Egydio acabou por endossar plenamente essa mesma tese, declarando em São Paulo, em público, que "a responsabilidade total e plena, especificamente no caso da invasão policial na Pontifícia Universidade Católica, ocorrida em 22 de setembro último, é minha".

Aparentemente, pretendeu o governador reforçar o amparo oficial ao cel. Erasmo Dias. A CEI, constituída para analisar aqueles episódios, concluiu pela legalidade da manifestação que ali se realizava em comemoração ao III Encontro Nacional de Estudantes (ENE), e acusou o Secretário de Segurança de crimes de "abuso de autoridade", "crimes de responsabilidade" e outros "delitos comuns previstos no Código Penal".

Apesar de tão incisivas conclusões, os parlamentares cederam a pressões e deixaram de recomendar o envio do relatório da CEI ao Ministério Público, do que resultaria necessariamente a abertura de um processo contra o Secretário, aumentando a sua vulnerabilidade. O relatório



Celso Aquilino - ABRRESS

deverá ser encaminhado simplesmente ao governador Paulo Egydio, "para apreciação dos fatos e adoção das medidas cabíveis". Segundo a "Folha de São Paulo", teria havido até mesmo ameaça de cassação de mandatos de parlamentares, se as coisas assim não ocorressem.

Para o DCE-Livre da USP, o fato de a CEI ter se realizado e chegado às conclusões que chegou, foi "uma vitória da opinião pública, cuja indignação pressionou nossos sonolentos deputados a tomarem uma posição". Quanto à possibilidade de punição aos responsáveis, acha que "não se devem alimentar ilusões a respeito. Afinal — disse — as gavetas já estão repletas de casos semelhantes ou até piores, dos quais não resultou nenhuma punição aos responsáveis. Quem responde por Alexandre Vanucci Leme, Herzog, Brambilla, pelas recentes torturas no Rio, pelos atentados a bomba da AAB e por inúmeros outros episódios? As gavetas, de tão cheias, um dia arrebentam. Mas talvez ainda não seja desta vez. Toda a operação repressiva pretendia atingir o III ENE, cujos objetivos eram discutir as condições de ensino e as questões referentes à luta pelas liberdades democráticas. Portanto o que está em questão é o direito de nos organizarmos e lutarmos por objetivos justos e legitimados pelos estudantes de todo país."



Sergio Sade - ABRRESS

A invasão ficou famosa pela violência da ação policial, resultando em depredações no campus e em diversos feridos, entre os quais algumas moças com queimaduras de terceiro grau, causadas por ainda mal explicadas bombas incendiárias, que o coronel diz não terem sido jogadas.



Oito mil operários dos onze mil da Fiat-Diesel do Brasil (antiga Fábrica Nacional de Motores), no município de Duque de Caxias, no Estado do Rio, pararam — e em algumas seções diminuíram — a produção de caminhões e automóveis, durante três dias, no início de novembro. As paralisações, que se alternaram por praticamente todas seções da fábrica, tiveram um objetivo: protestar contra um aumento salarial que beneficiou apenas poucos operários. No quarto dia de greves e boicote, a fábrica italiana, ainda considerada área de segurança nacional, cedeu e prometeu um aumento geral que deve sair no pagamento de início de dezembro. No auge da greve, a produção da fábrica caiu 60 por cento.

A queda da produção começou, no dia 8, logo após o pagamento, às 9hs30 m. Até aquela hora já tinham sido montados quatro caminhões dos 23 que são, normalmente, montados por dia. Depois do pagamento, apenas um caminhão entrou na linha de montagem e assim mesmo não chegou até o fim da linha. (Cada caminhão destes custa Cr\$ 400 mil). Na seção de montagem de automóveis ocorreu o mesmo: nenhum foi montado depois do pagamento. Normalmente esta seção produz 36 automóveis por dia e cada um está custando, nas revendedoras, Cr\$ 90 mil. Ainda no primeiro dia, centenas de operários jogaram suas bandejas no chão do restaurante, em sinal de protesto.

No segundo dia, todos marcaram cartão mas cerca de três mil operários sequer mudaram de roupa para trabalhar. Com a paralisação quase geral, a produção caiu 60 por cento. Foram montados apenas oito caminhões e 12 automóveis.

Em algumas seções houve incidentes. Um representante da CIPA — Comissão de Prevenção de Acidentes, por exemplo, exigiu o número de matrícula de dez operários que estavam parados e sem os óculos de segurança obrigatórios. Os operários, no entanto, reagiram a barras de ferro e expulsaram o representante da CIPA. (Todo operário da FNM tem uma matrícula e é obrigado a mostrá-la toda vez que solicitado pela segurança interna da fábrica, inclusive quando tem de circular de uma seção para outra).

No terceiro dia, a produção subiu um pouco: foram montados 14 caminhões e 18 automóveis.

No quarto dia, o recuo da empresa: às 10 horas, a diretoria, através dos chefes de seção, comunicou que daria aumento para todos, no pagamento de dezembro. Os operários ainda estavam revoltados e, mesmo com a notícia, a produção não se estabilizou.

Desde que a empresa italiana comprou a maioria das ações da FNM, em junho, este é o segundo grande incidente com trabalhadores, no Brasil. O primeiro foi há poucos meses, quando a Fiat tentou modificar as assinaturas das carteiras de trabalho dos operários antigos, substituindo as da FNM pelas suas. Isso significaria a perda de direitos de milhares de trabalhadores que resistiram.

Na greve deste mês, a fábrica tentou solucionar o problema de outra forma, embora nenhum diretor tenha tentado negociar diretamente com os grevistas. Tanto que a negociação final foi feita através dos chefes de seção. Os operários não propuseram um índice para o reajuste porque não chegaram a formar uma comissão para representá-los. Eles pensavam não ter condições para tanto: seus representantes poderiam ser punidos.

Outro detalhe da greve, para entendê-la melhor: a questão do aumento. Já é tradição na FNM, em antecipação, em maio, de 15 por cento do reajuste salarial. Em outubro, época do reajuste obrigatório, a empresa não desconta aquele adiantamento. Isso foi conseguido em outubro de 75 quando, diante do desconto dos 15 por cento de emergência que conseguiram em maio, todos os trabalhadores da seção de usinagem paralisaram o serviço. Foi prometido, então, um reajuste geral para novembro. (Na época, os operários ganharam Cr\$ 3,10 a hora, foram reajustados para Cr\$ 4,10 em outubro e para Cr\$ 4,50 em novembro).

Este ano houve um aumento em fevereiro, também variado, mas para a maioria dos operários; houve a antecipação de 15 por cento em maio e o reajuste salarial de outubro. Em novembro, saiu um aumento para alguns poucos operários, o que fez com que a maioria ficasse descontente e iniciasse os três dias de luta.

O fato de milhares de operários, durante vários dias e numa mesma fábrica, realizarem um protesto tão significativo tem uma importância muito especial para o movimento operário do Rio de Janeiro, pois isto não acontece há muitos anos. A FNM, agora Fiat, representa o maior polo de concentração operária da área metalúrgica do Rio, tendo um passado de tradição de luta dos mais conhecidos. Mesmo depois de 64, com a quase militarização da fábrica, com a perseguição e restrição à qualquer atividade sindical de forma mais independente, tem sido da FNM de onde parte uma base importante de reaglutinação do movimento sindical. Agora mesmo, os cabeças das duas chapas que disputaram o sindicato são originários daquela empresa.

De uma certa forma, o movimento lembra um tipo de luta operária já utilizado nas greves de Osasco e Contagem, em 68: ocorreu mais uma vez, um protesto às margens da estrutura sindical oficial — neste caso sem o patrocínio, sequer, da oposição sindical. Estas experiências de luta apontam, mesmo precariamente, para um novo sindicalismo — sem o abandono, atualmente, da luta dentro do sindicato — em que a participação das bases será o elemento qualitativamente novo.

A oposição venceu as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio mas pode não tomar posse.

O atual presidente do sindicato já insinuou que o Ministério do Trabalho poderá impugnar seis nomes da chapá vencedora. A Delegacia Regional do Trabalho diz que "há apenas nomes sob suspeição." (página 5)

A TV que mudou de canal

página 2

A arte de ficar no poder

página 3

Trabalhador e democracia

página 3

Presos políticos em luta

página 6

Os mitos da cultura

página 7

A crise internacional

página 9

Metalúrgicos do Rio: OPOSIÇÃO GANHA MAS NÃO SABE SE LEVA

A oposição dos metalúrgicos do Rio ganhou o Sindicato depois de uma campanha difícil. Os truques de sempre se repetem para evitar a posse da nova diretoria, em março: seis nomes podem ser impugnados.

Foi uma vitória difícil, depois de uma campanha difícil, a dos metalúrgicos do Rio. O resultado (4 mil 897 votos para a oposição contra 4 mil 24 para a situação pelega) ameaçou, inclusive, a própria vitória. Como a chapa não conseguiu maioria absoluta, a eleição poderia ter sido anulada e convocada nova eleição. Um acordo, no entanto, entre as duas chapas, durante a campanha, comprometeu a posse da diretoria que ganhasse, mesmo se por maioria simples. A Delegacia Regional do Trabalho deve referendar este acordo.

O problema agora é tomar posse, em março. Além da dúvida quanto ao reconhecimento das eleições, os metalúrgicos temem que as ameaças veladas e abertas do atual presidente, Adalberto de Oliveira, acabem se transformando em fato concreto. O boato, por exemplo, de que seis membros da chapa eleita, inclusive o presidente, Osvaldo Pimentel, seriam impugnados, foi desmentido pela DRT mas sem muita convicção. Horas depois do resultado, o chefe de gabinete do delegado-regional garantia que por parte da DRT não tinha nada, mas que seis nomes estavam realmente sendo analisados pelos "órgãos competentes". E não quis dizer que órgãos eram estes.

Um Sindicato para Festas e torneios esportivos

Desde 1964, quando houve intervenção, que as oposições ganham, mas não tomam posse. E, quando chegam a tomar posse, são desfeitas de seus melhores nomes. A sequência de intervenções e impedimentos, junto com perseguições políticas e fechamento da vida sindical, fizeram com que um grande número de operários perdesse o interesse pelo sindicato. Dos 60 mil metalúrgicos que trabalham no Rio, apenas 15 mil estão sindicalizados e com as mensalidades em dia e 9 mil votaram.

Por outro lado, o sindicato, que deve ser um órgão de representação de classe, se transformou em entidade

de assistencial e recreativa. Em vez de reuniões com os delegados de fábricas, promove bailes todos os sábados; em vez de assembleias, convoca torneios esportivos. Esse esvaziamento foi acompanhado pelo rebaixamento dos salários e da qualidade de vida. A média salarial maior, assim mesmo em poucas fábricas, é de Cr\$ 4 mil para frezadores, torneiros e caldeiros - as demais especialidades, mais comuns entre os metalúrgicos, fica mesmo é no salário mínimo.

A Oposição Luta por um Sindicato Livre

Hoje o metalúrgico vende suas férias, vende seu descanso e vende sua saúde para poder sustentar a família - diz Valdetrudes de Lima, operário da ICESA e membro da chapa vitoriosa. Outro dia saiu no jornal "O Dia" uma lista de 500 companheiros que largaram o trabalho. É que não vale a pena: o salário não dá para sustentar a família, então não tem sentido para ficar no emprego. E como estas questões, existem outras, como habitação, transporte, higiene, saúde, segurança que precisam ser discutidas com liberdade. Mas isso só pode acontecer quando a classe operária tiver influência no governo, quando ela puder debater os problemas que afligem os operários.

As más condições de trabalho são uma constante. Na Aluferro, os operários são obrigados a trabalhar respirando pó de ferro e na saída não têm lugar onde tomar um banho. A fábrica de torneiras para banheiros Fabrimar não tem torneiras em seus banheiros. Estes são apenas alguns exemplos que os membros da chapa que ganhou levantam para provar o tipo de problemas que os metalúrgicos enfrentam hoje. E foi contra toda esta situação, em que o operário não opina e é tratado como peça de reposição barata, que a oposição fez sua campanha. E com grandes dificuldades. Principalmente financeiras, o que obrigou a vários

membros da chapa a se endividarem.

Por outro lado, Adalberto de Oliveira, o presidente que pretendia a reeleição, usou como pode os recursos do próprio sindicato. Seu retrato, por exemplo, encheu as páginas do "Meta", o jornal da classe. Sua vantagem, sob este ponto de vista, era grande: o sindicato dos metalúrgicos é um dos mais ricos do Rio, com um orçamento de Cr\$ 3 milhões e 200 mil anuais e um patrimônio razoável, composto por uma sede com seis andares e vários prédios e terrenos. Tentando disfarçar o uso indevido que fez do dinheiro que

PELA LIBERDADE SINDICAL



PELA UNIÃO DOS METALÚRGICOS
DIGA NÃO A SITUAÇÃO
VOTE CHAPA - 2
OPOSIÇÃO

pertence a todo mundo e querendo comprar a própria oposição, ele ofereceu à chapa concorrente uma página, que foi recusada.

Toda esta desvantagem, a chapa agora vitoriosa venceu com o apoio dos companheiros nas fábricas. Ao invés de fotografias e bajulações, lançaram um manifesto conclamando todo os operários a participarem do Sindicato que, "apesar de suas dificuldades atuais, pode e deve apoiar as lutas da categoria, mobilizando e criando delegações por empresa que lutem contra todos os abusos e, inclusive, pela reposição salarial de 34 por cento que nos é devida desde 1973."

Em outro ponto, diz o manifesto:

"lutamos por um sindicalismo livre, baseado na ampla participação da categoria. A falta de liberdade sindical é um fato que marca profundamente a classe, em especial o direito de greve, principal meio de defesa e direito conquistado pelos trabalhadores." Enfim, prometem transformar o sindicato num "órgão de luta, união e solidariedade da classe."

O pelego abre o jogo: nada de reivindicações

A campanha do atual presidente foi um pouco diferente.

Nós tínhamos um sindicato que nunca se curvou diante da política salarial do Ministério do Trabalho, afirma um dos membros da chapa vencedora. Hoje, depois de intervenção sobre intervenção, temos uma classe desmobilizada e desinteressada do Sindicato. E a atual diretoria é responsável por esta situação. A atual diretoria se dirige à classe apenas para convidá-la para festas ou torneios esportivos, ou então por motivos eleitoreiros, e nunca para discutir seus problemas.

Recentemente, a Companhia Siderúrgica Lanari ameaçou de demissão todos os operários, diante da iminência de falir. Adalberto recomendou aos operários "desperdícios que não exigissem explicações da diretoria nem ameaças com greves. Mas que trabalhassem duro para resolver o problema da companhia. O "Meta" de julho dedicou ao problema meia página, com o retrato do Adalberto, e com a seguinte manchete: "Adalberto tranquiliza os companheiros da Lanari e continua em contacto permanente com as autoridades, principalmente com o Ministro do Trabalho." Em compensação, seu retrato aparece nove vezes e seu nome 16, nas 16 páginas deste mesmo número.

Ao assinar a contracapa do jornal, com a seguinte mensagem no dia do trabalhador, ele revela quem são seus verdadeiros aliados e os que lutaram por sua reeleição:

"Este ano nossa corporação vem

atravessando talvez um dos momentos mais difíceis da sua história, pelo que solicitamos compreensão e espírito de luta para vencermos mais essa batalha. As demissões se avolumam e os atrasos de pagamento também, mas as soluções se averiguam difíceis. Procuramos contorná-las de todas as maneiras, mas confiamos na fibra dos companheiros e nas autoridades constituídas do País para por fim a este estado de coisas. Felizmente, nem tudo nos é adverso pois em boa hora S. Excia., o Sr. Presidente da República, concedeu-nos através de Decreto as férias de 30 dias. O Decreto para nós metalúrgicos, pioneiros nessa luta, representa uma grande conquista, louvando-se, inclusive, a opção que nos foi dada de transformar um terço do período em dinheiro, o que pode propiciar ao trabalhador o gozo de suas tão almejadas férias."

A plataforma da chapa que ganhou

"Nosso propósito ao concorrermos às eleições não é de ficarmos prometendo, e sim de lutarmos em prol de Sindicato que represente com firmeza nossa categoria, pois nosso compromisso é com a luta diária por melhores dias para os metalúrgicos, que muito produzem a quase nada tem direito.

Para isso, propomos lutar:

Por melhores salários; pela recuperação dos salários, por salários compatíveis com o real aumento do custo de vida, por um salário mínimo para a categoria, pelas férias pagas em dobro, pelo cumprimento dos direitos conquistados pelos trabalhadores e reconhecido pela CLT, para que todo trabalho igual seja pago com salário igual, por melhores condições de Higiene e Segurança nos locais de trabalho.

Por melhores condições de trabalho; pelo pagamento indiscriminado da taxa de insalubridade, em todos setores onde ela houver; pela aposentadoria da mulher metalúrgica aos 25 anos de trabalho; pela garantia do emprego durante a gestação e dois anos após o parto, e pela

criação de berçários nas empresas; contra a exploração da mão de obra da mulher metalúrgica; pela criação de refeitório nas empresas, a baixos preços; pela obrigatoriedade das empresas manterem em seus quadros pelo menos 20% de empregos com mais de 35 anos de idade; Pela fiscalização, a baixos preços; pela obrigatoriedade das empresas manterem em seus quadros pelo menos 20% de empregados com mais de 35 anos de idade; pela fiscalização dos atendimentos do INPS e seus convênios.

Pela Liberdade Sindical

Pela liberdade sindical: Pela dinamização de nosso sindicato, orientando-o a serviço da categoria e do associado; pela formação e reconhecimento oficial das delegações de empresas com a respectiva estabilidade provisória; promover assembleias de fábrica para tratar de seus problemas específicos quando se fizer necessário; pelo respeito às decisões das Assembleias; pela dinamização do Jornal META, voltado para os interesses da categoria.

Pela dinamização do Sindicato: Criação de um Departamento Feminino, incentivando a participação da mulher metalúrgica na vida sindical, para discussão e encaminhamento de seus problemas específicos; por melhor atendimento e orientação aos associados e seus dependentes; pela campanha permanente de novos sócios, conscientes do que é a Associação Sindical; pela melhoria dos Cursos existentes com a aquisição de material técnico para aulas práticas e criação de novos cursos profissionalizantes extensivos às Delegacias; pela utilização do terreno de Maria da Graça para fins educativos; por instalações para delegacias de Duque de Caxias; pela criação de uma comissão de recreação e cultura, com a finalidade de promover excursões, filmes, torneios e palestras; e pela construção da Delegacia de Nova Iguaçu e criação da Delegacia no setor de construção naval.

Quebra-quebra na construção civil

Aconteceu novamente. Os trabalhadores que estão construindo vários edifícios de luxo na Barra da Tijuca, no Rio (num lugar que vai se chamar Novo Leblon), se revoltaram. Três mil operários, no dia 24, quebraram toda a cantina da construtora Gomes de Almeida Fernandes, onde eram servidas comidas azedas, e ainda enfrentaram a polícia. Um operário aleijado, que estava sendo espancado pela guarda de segurança particular da construtora, foi resgatado por dezenas de trabalhadores. Dois operários ficaram seriamente feridos: um deles levou um tiro na boca e ainda está internado. No dia seguinte, ainda revoltados, os operários fizeram barricadas na avenida que passa em frente à obra e apedrejaram alguns carros - uma maneira, ainda que precária, de chamar a atenção para seus problemas e romper o isolamento de uma luta que diz respeito, hoje, a cerca de 250 mil operários da construção civil do Rio - em todo o Estado são 600 mil.

Esta é a segunda vez, este ano, que os operários das obras de luxo se revoltam. A primeira foi em julho, em São Conrado, e o motivo foi o mesmo: comida estragada. Também naquele dia os operários quebraram a cantina e enfrentaram um choque da PM. Isso tudo parece mostrar que os trabalhadores da construção civil não estão mais aguentando a forma como são tratados e a maneira como são explorados pelos donos das grandes firmas construtoras, como Sérgio Dourado, Carvalho Hosken, Gomes de Almeida Fernandes, João Fortes, Lindemberg, o próprio Metrô e suas empreiteiras.

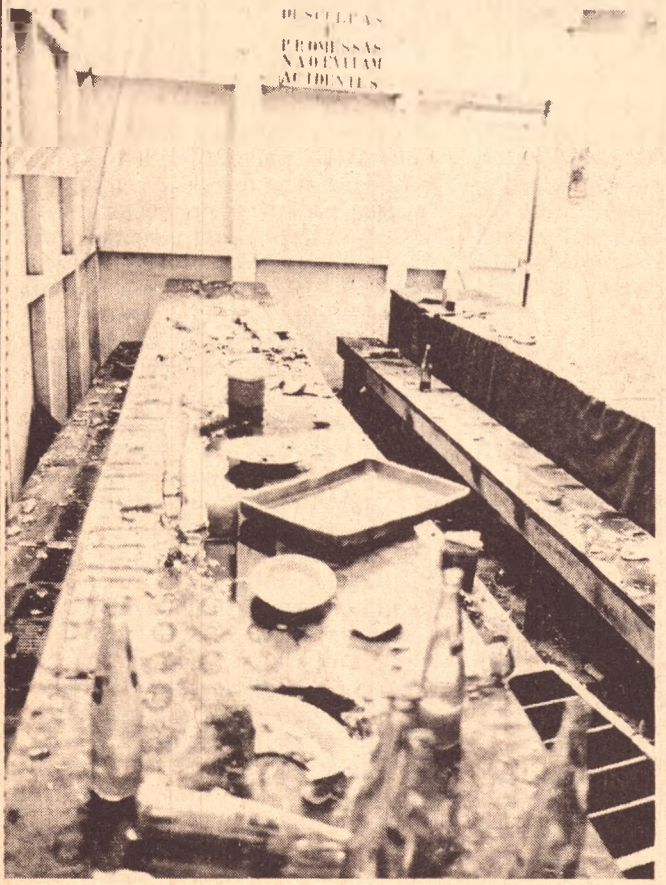
Salários baixos, excesso de trabalho, vivendo em alojamentos sem qualquer conforto e segurança (só nos últimos meses três grandes incêndios destruíram alojamentos de milhares de operários) e tendo de comer o pão que o diabo amassou, os trabalhadores da construção civil já perderam a paciência. Um operário, depois do quebra-quebra da Barra da Tijuca, dizia com todas as letras:

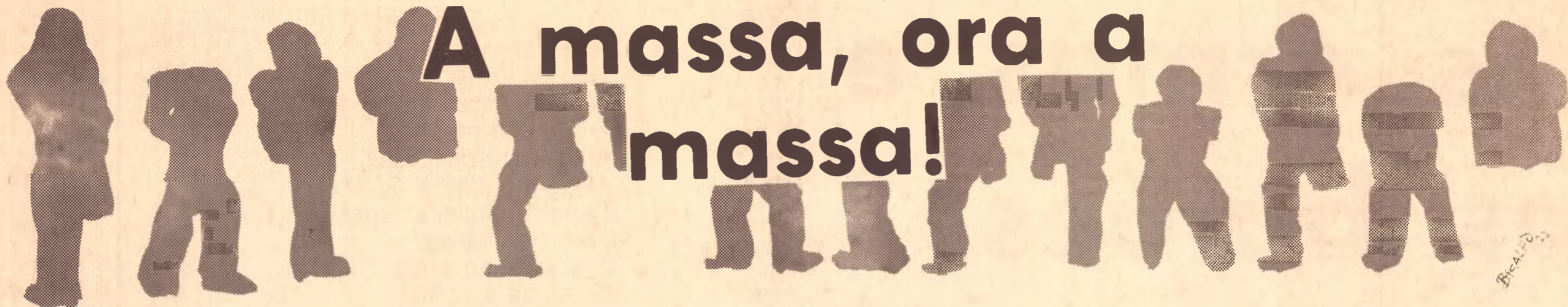


- Assim não dá. A gente trabalha que nem louco pra construir esses apartamentos de luxo pro ricos morar. A gente não tem onde morar (a maioria absoluta veio do nordeste e deixou família por lá) e ainda tem de comer comida azeda. Num dá mesmo.

Só o apartamento do Sérgio Dourado, por exemplo, no Leblon, vale mais ou menos 15 milhões de cruzeiros.

Ao lado dele mora Marcos Tamoio, o prefeito da cidade. Preço de seu apartamento: Cr\$ 30 milhões. Tudo feijão da mesma panela. Eles se entendem. Só a Sérgio Dourados Empreendimentos Imobiliários prevê, para este ano, um faturamento de Cr\$ 3 milhões construindo e vendendo apartamentos - o que equivale aos salários mensais de mais de 2 milhões de assistentes de pedreiro.





A massa, ora a massa!

Estão os três estudantes sentados discutindo num canto do Centro Acadêmico da Geografia. São do DCE LIVRE USP. Me aproximo e sento pensando numa entrevista. Eles no entanto continuam a conversar: " - Mas olha... quando neste trecho você fala (procura no papel) ... "A nós estudantes é vedada a possibilidade de nos reunirmos a nível nacional. Participarmos da vida política do país e tratarmos dos problemas referentes a educação"... tá incompleto. Primeiro porque mesmo "eles" não querendo, a gente tá participando. Segundo, que a participação não é só pra tratarmos de problemas de educação, mas das questões políticas gerais do país.

" - Sim eu sei! Tô entendendo. Mas já tá dito no parágrafo de baixo pô! Esse relatório seria bom que saísse não repetitivo."

" - Tá legal... Mas eu acho que fica confuso!"

Conversas de gente de movimento estudantil. Descontraída. Antecedendo o depoimento na Comissão Especial de Inquérito (CEI) da Assembléia Legislativa Paulista pra apurar responsabilidades pela invasão da PUC. Na salinha do Centro Acadêmico as pessoas entram, pedem cigarros, conversam, ouvem discos.

Na CEI o show que se iniciará, tem outros ingredientes. Fiquei na platéia lá do alto junto de jovens e senhoras velhas. De imediato me veio uma idéia: será que agora quando intimarem a depor no DEOPS além das tradicionais perguntas "esteve nisso? esteve naquilo? Na missa de Alexandre? Na de Herzog? Na passeata da Penha?", se acrescentará "esteve na CEI?" Pode ser... tudo é possível. Mas onde estava mesmo... ah! sim... O exame de fotógrafos fez lotar ainda mais "nossa" pequena arquibancada. "... rapaz, sai lá de baixo rapidinho... os caras vinham na minha cara e plect! plect!"

O Secretário de Segurança de São Paulo iniciou seu pronunciamento. Composto de frases curtas, ditas rapidamente e entoadas com bem maior intensidade no final. Despertou a princípio atenção: Entidades ilegais!!! Polos guerrilheiros!!! Alexandre Vanucchi Leme!!! Depois de algum tempo a menina do lado me cutuca pra dizer: Pô! Esse recurso de oratória é primário né! Concordei. Mas não adiantou nada. O espetáculo continuou, porém, depois de uma tonelada de papéis e mais papéis dizendo que o Movimento Estudantil é mau! Ou faz mal?! Sei lá! Que é péssimo! Comunista em gênero, número e grau (?), o que caracteriza a prática do ilícito, que na USP tem uma manifestação de 24 em 24 horas, que fomos para a PUC com o coração nas mãos (graças a Deus!!!). Pensem no inverso! Além de ficar sabendo que a culpa foi do lugar, um lugar acanhado sabem? E que 50 delegados, mais 200 soldados enfrentaram a sanha de 2000 estudantes etc... etc...

"Sabem... No fundo eu sou um sentimental.

Mesmo quando minhas mãos estão ocupadas em torturar, de esganar, trucidar meu coração fecha os olhos e sinceramente chora"

Chico Buarque e Rui Guerra

É violenta ou tem força e portanto poder? Teme-se o que? A violência em si? Ou o poder transformador da massa? Ah! se a platéia aqui de cima pudesse perguntar... Falar... Já me imaginei lá do alto como um Castro Alves dizendo: "Olha e tem outra coisa! Há massas e massas! Eu por exemplo tenho um amigo que é só ver uma assembleizinha que já começa a chorar todo emocionado que fica. Tem por exemplo umas outras massas muito "estranhas". Por exemplo aquelas do fascismo. Ou as massas do peronismo. Ou ainda, aonde a gente põe aquele milhão de pessoas do enterro do Getúlio? E aquela outra massa da Marcha com Deus pela família e a liberdade? Pois é há massas e contra massas. Eu, sempre acredito nelas. Na sua capacidade de transformar as estruturas sociais que as oprimem e exploram. Ouviram? O que? (Apuro os ouvidos pra ver quem lá em baixo contesta).

Elas são violentas? Violência também é esse cotidiano de miséria e de "sufoco"... Pois é! É isso aí! E tem mais... (nisso as senhoras velhas com suas rugas experientes se aproximam pra me apoiar... vai meu filho... diz tudo...) Aprendemos sempre a acatar as autoridades! As leis! Que leis são essas? Quem as fez? Eu não fui! Muito menos as massas! Que princípio de autoridade, de poder é esse? Quem controla o poder? As autoridades?

Que eu saiba nem eu nem as massas! Quem é que garante essa impunidade de se espancar e dissolver a bombas manifestações populares? Vejam por exemplo o caso dessas meninas queimadas. Quem responderá por ele? (Lá em baixo respondem: Deus!! Deus???) Esclamamos num uníssono doído. Deus???

No meio de toda essa empolgação as massas das arquibancadas já não se continham. Estavam violentas! Batiam palmas! Confraternizavam-se em pulos! Berravam! Já estavam até pra gritar em coro: (note-se a presença das senhoras velhas, casadas, o que desindica o conflito de gerações) Queremos Liberdades! Liberdades Democráticas! Nisso um deputado do MDB a todos estareceu! Falou pelos autofalantes que o MDB também propunha a derrubada do regime!!! Que não havia mal nenhum nisso.

Epa! Fizemos todos e esticamos lá pra baixo as cabeças. Nossa? Cadê ele? Quem foi? Santa mãe! E o coronel que fará? Tá cassado! Daí o deputado completou... Queremos tudo isso mas dentro da lei! ah! certo... MAS como dentro lei, Mama Mia!! Dissemos nós, as massas da arquibancada. Se as leis que estão aí, só estão aí, pra manter o que está aí!

Dulio Zoppi e Esmeralda de Silva



Cavando uma ponte

Os debates em favor da construção de um projeto cultural crítico da ideologia dominante têm sido privilégio das elites intelectuais de oposição no Brasil. As massas trabalhadoras não acompanham sua polemização que se articula apenas indiretamente ao nível de mobilização e aos interesses imediatos da maioria da população. Esse limite com relação às classes exploradas e oprimidas faz com que a luta ideológica se restrinja às posturas individuais, com aparência de briga entre panelinhas, em meias palavras, num discurso cifrado. Não se constrói a ponte de contato, o vínculo orgânico entre os setores trabalhadores e a intelectualidade. E as propostas assim se perdem, muitas vezes mascaradas por uma ética de academia. Há que se constatar, porém, que o estágio do debate é esse, um debate capenga, além de mutilado pela censura.

Em Tempo, em suas páginas de cultura, se propõe a participar da questão pela clarificação do espaço da luta ideológica, tentando ultrapassar suas limitações, veiculando as divergências existentes dentro das oposições, sem escamoteá-las e reservando-se um espaço de opinião própria. Fugir dessa prática seria, de certa forma, pactuar com as cartadas de ideologia dominante, suas propostas culturais paternalistas, que muitas vezes ganham simpatia de setores inquietos da intelectualidade de oposição.

A discussão das diferenças de visão do mundo no seio das oposições torna-se urgente, fazendo com que as diversas propostas cheguem assim com seus matizes à participação mais ampla possível de suas bases. É o que fazemos neste número do jornal e pretendemos fazer daqui em diante.

Corações e mentes

Quando da invasão da PUC em 22 de setembro último várias pessoas foram feridas. Algumas com queimaduras de 3º grau. Maria Cristina Raduan, quartanista de Ciências Sociais da PUC, foi a mais atingida, tendo sido hospitalizada durante um mês sofrendo operações e enxertos. Seus gastos como os das outras meninas foram pagos pela Secretaria de Segurança. "Um gesto humanista", no dizer do Cel. Erasmo Dias.

Este papo com Cristina e Raduan começou mesmo no Cinema Um, quando fomos juntos ver "Dersu Uzala" - "Choraram?" perguntei. "Não". Foi a resposta. Eu sempre choro nesse filme, disse-lhes.

Depois que se casaram nunca mais os vi. Soube da situação de Cristina porém não fui ao hospital. Tinha grande expectativa em saber como ela estava e este ia ser nosso primeiro encontro.

Prá quem não conhece vou tentar dizer um pouco: Cristina é bonita e tem um sorriso que te "pega". Raduan um pouco mais tímido, quieto. Falei da intenção de entrevistá-los pra saber como ficou a barra depois de tudo. Disse-lhes, no que concordaram, que a grande imprensa tinha feito um trabalho importante de "revelar" o que estava acontecendo, porém que a impressão que ficava era de coitadinhas - "o caso das queimadas". Pessoas informes. Homogeneizadas. Sem idéias ou visões de mundo. O que permitia reclamar do jeito que se quizesse do excesso de violência que elas receberiam. Como disse o Raduan a grande imprensa daqui funciona mais ou menos como a dos EEUU. A violência vende jornal e violência com outro tipo de enfoque - violência mais política, ganha ainda mais público. O fato da grande imprensa noticiar é claro foi importante, as condições estavam dadas, e nada mais oportuno do que ter como fato a Secretária de Segurança pagando os gastos.

No caminho do cinema disse ao Raduan que achava Cristina ótima. "Ela tem uma cabeça boa. Tá legal. Não vai na sua frente expor as fragilidades. Depois é que a barra pesa."

Quizemos saber como essa situação toda interferiu na vida dela. No que tinha atrapalhado?

" - Não é que atrapalhe. Acho que a pergunta não é bem essa. Eu te diria assim: acredito ter mais condições de superar essa situação porque entendo como ela aconteceu. Entendo o momento em que vivemos. Porém, não foi uma opção minha, como não deve ser pra ninguém, ser queimada. Nem os que estivessem passando por perto, saindo das aulas, ou mesmo os que não foram ao ato público podiam imaginar que a concentração do dia 22 na PUC seria dissolvida da forma como foi. Todas as manifestações anteriores e os cerceamentos que sofreram não levam a supor tal intenção. Não que a

partir de agora faça parte das opções ser queimada. E de fato não cabe a discussão se a violência, foi ou não descabida. Um excesso ou não. O que me pareceu não estar claro para as pessoas naquele momento era que, a insistência na reconstrução da UNE, no III encontro Nacional dos estudantes, poderia trazer um dado "novo". Além disso tem o problema da PUC. Seu significado no momento atual. A realização da SBPC em suas instalações.

Concordei com ela e pensei em qual é afinal o significado que tem hoje ser preso. Ter "antecedentes criminais". Lá nas ciências sociais da USP, dos 300 alunos que frequentam, uns 200 já foram presos e fichados. Aos outros 100 só resta se "entregar espontaneamente" pra se evitar os privilégios... As bombas no caso da PUC e o que elas provocaram aprecem como um dado a mais. Algo para assustar. Feito de forma a não ser debitado na conta da Secretária de Segurança.

A mim o que aconteceu com ela não foi um excesso de violência, mas a medida exata da disposição e da violência necessárias para reprimir. Prá mim Cristina não é um exemplo do que nos pode acontecer. Mas um exemplo da arbitrariedade das leis e dos órgãos legais. Da disponibilidade do regime em reprimir.

Você acha que os estudantes e a população assustaram?

"De qualquer forma, mesmo a intenção sendo essa, a invasão da PUC, as queimaduras, pegaram muito mal junto à população. O espaço pra uma nova atitude desse tipo por enquanto me parece que diminuiu".

Você acha que está virando um mito? "De jeito nenhum! Não é nada disso! Eu estou voltando à "vida normal", frequentando a escola, conversando com o pessoal. A gente sente que a escola ainda está traumatizada. Um certo medo no ar. Porém, e isso é engraçado né? O Centro Acadêmico anda mais frequentado. Mais gente indo lá..."

Eu acho que isso só aconteceu conosco por causa da sociedade que está aí. E essa realidade precisa ser transformada. Não é pelo fato de ter sofrido essa agressão que eu vou deixar de entender que tudo vai mudar. As marcas que me ficaram são mais fortes por ser a sociedade como é mas serão amenizadas eu sei à medida em que ela se transformar".

CURTO CIRCUITO

coronel: pois é! tudo o que vem de comunista não tem senso nem consenso que age em termos exponenciais na esquizofrenia da massa, que na medida do possível nós tentamos evitar!!!

deputado: a massa ou a esquizofrenia coronel?

coronel: os comunistas! os comunistas! porque eles procuram se infiltrar na massa na sua escalada, o que resulta num autêntico movimento de massas, de massas... e a massa?! ignorar a violência das massas é ignorar a característica das massas... a menos que seja uma massa de senhoras casadas indo a missa e de estudantes se só ficaram dentro... e de estudante nenhum!!! porque movimento estudantil é que nem jogo do bicho; você só pega o passador, bicheiro antigo, banqueiro você nunca pega. os comunistas!! OS COMUNISTAS!!

ai eu senti tanto sono que dormi.

Esmeralda entendeu pouco do que o Coronel falou, mas percebeu que ele via defendendo a noção brasileira dos famigerados comunistas que se pensam em fazer dos outros, se infiltrando em tudo que é lugar. E se ele fogia como falava, devia ser bom e mesmo que as vezes se cedesse as vezes, dissera que na invasão a culpa é do lugar.

Pouco não estranhou o coronel não saber que a sanha após sair de mim falando a palavra a fala era familiar porque trouxe o mesmo mistério da esquizofrenia que trouxe os adeus na sua pais incerta.

Ala feita est, dura sex sed lex. "Caracterizando assim a prática do delito em gênero número e grau" Além do mais era animada e sonora, cheia de rimas como a do bérrio Santos. "Eu vou ser claro, curto, preciso e conciso. O que comunista faz não tem esse nem consenso."

Terezinha!!! Alô, alô dona Maria como vai sua mãe? Alô, alô dona Rainunda como vai... vai bem? Chacrinha me domina... Chacrinha me alucina... É hora... é hora... é hora... É hora da Luzena!!! Um programa conciso, curto e preciso!!! Um programa conciso, curto, e preciso!!! Data: Mariana Vieira Esmeralda de Silva.

Faturando em nome de Deus BRADESCO

"Pelos nossos governantes, por todos os que sustentam a lei, promovem a ordem e garantem a segurança e a liberdade, oremos ao Senhor", oficiou Márcia de Windsor na cerimônia do Dia de Ação de Graças. Quanto custou a publicidade insistente veiculada pelo Bradesco no rádio, na TV e nos jornais? Qual o preço das roupas e fantasias importadas do Japão? Das sombrinhas e camisetas publicitárias entregues a milhares de crianças? Na cidade de Deus (Osasco, São Paulo) ninguém sabe. "Doze milhões de cruzeiros" avaliam alguns. Será? Uma cliente do Bradesco declarou no dia seguinte à reportagem de EM TEMPO: "Eles são cristãos, não vão enganar os pobres, e o governo estava lá".



A solenidade do Dia Nacional de Ação de Graças, realizada em 24 de novembro último, na Cidade de Deus, sede do Bradesco, foi transmitida a todo o Brasil por 67 emissoras de televisão e 370 de rádio. Acorreram a solenidade, entre outros, o governador paulista, Paulo Egídio, e os prefeitos de São Paulo, Olavo Setúbal, e de Osasco, Guaçu Pitteri (MDB). A diretoria do banco foi representada pelos srs. Amador Aguiar, diretor-presidente, e Laudo Natel (ex-governador e novamente tido como candidato ao governo de São Paulo, pela ARENA).

O Dia de Ação de Graças (Thanksgiving Day) é a maior festa nacional dos Estados Unidos, onde é comemorada há 356 anos. Com essa festa, os norte-americanos comemoram a acolhida dada aos sobreviventes do **May Flower** (barco que conduzia imigrantes ingleses) pelos índios que habitavam a região próxima ao cabo Cod, a atual Nova Inglaterra. No Brasil, o Dia de Ação de Graças foi instituído em 1949 pelo presidente Gaspar Dutra (Lei Federal nº 781) e regulamentada em 1965 pelo presidente Castelo Branco (decreto nº 57.298). Só a partir de 1972, entretanto, a data passaria a ser efetivamente comemorada, sempre na Cidade de Deus. Ao que consta, por iniciativa pessoal do sr. Amador Aguiar e às expensas do Bradesco.

Também consta ser de inspiração do sr. Amador Aguiar o filme repetidamente passado na televisão, em que ele próprio aparece convidando a população para a solenidade deste ano. Para a revista Veja, o sr. Amador Aguiar teria declarado não ter pedido qualquer graça: "apenas agradeço o que tenho, porque já é demais".

Artistas e autoridades animaram o grande show do Bradesco

O ato foi aberto pelos 15 mil presentes que entoaram o Hino Nacional. A seguir, Márcia de Windsor leu a "Oração Comunitária". A cada uma de suas frases, todos respondiam "Senhor, escutai a nossa prece", seguindo um folheto previamente distribuído.

- Pela paz de todo o mundo, pelo bem de nossa pátria, pela fraternidade universal e pela união de todos os cidadãos, oremos ao Senhor.

- Pelos nossos governantes, por todos os que sustentam a lei, promovem a ordem e garantem a segurança e a liberdade, oremos ao Senhor.

- Pela família e pela escola, pelas entidades que promovem o trabalho e a prosperidade, oremos ao Senhor.

- Para que sejamos leais, fortes, diligentes, unidos, solidários e humanos, oremos ao Senhor.

A seguir, a orquestra e coral do maestro Zácara executou o Hino à Pátria, Walter Forster leu a prece de Ação de Graças e Francisco Egídio cantou a música "Paz do meu Amor", como em todos os anos anteriores. Finalizando o ato, todos rezaram o Pai Nosso e os estudantes cantaram a música "O Brasil é feito por nós".

Os caixas das agências Bradesco de Osasco, Lapa e Pinheiros, em 25 de novembro, mostravam-se orgulhosos pelo ato promovido pelo "nosso banco" e acreditavam que ele havia tido uma influência positiva sobre os negócios "num dia ruim, 25, em que ninguém ainda recebeu o pagamento".

Dona Maria Aparecida, 56 anos, prendas domésticas, depois de efetuar um depósito na Agência Pinheiros declarou ao repórter:

- Sim, eu assisti a missa pela televisão. Um espetáculo dignificante, que devia ser repetido todos os dias... A pergunta seguinte ("A senhora é cliente do Bradesco por causa do Dia de Ação de Graças?") deixou a entrevistada desconcertada e guagueijante: - É... não, quer dizer... mais ou menos... eles são cristãos, não vão enganar os pobres e o governo estava lá, voce viu? E também tinha autoridades. O banco é seguro... eu sou bem tratada pelos funcionários. Ao menos a religião deles eu sei.

A maioria dos clientes e todos os funcionários sabem que o Bradesco é o maior banco privado do Brasil... "e da América Latina também", acrescentaram vários deles, ouvidos na Cidade de Deus. Nenhum dos clientes conseguiu lembrar de qualquer propaganda feita por outro banco. A maioria, entretanto, conseguiu recordar da "mocinha com a palavra Bradesco no peito". Quase todos tinham visto ou ouvido falar do Dia de Ação de Graças; poucos achavam que fosse propaganda.

No dia seguinte elevaram-se seus depósitos bancários

Apesar disso, parece evidente a influência do Dia de Ação de Graças, de outras medidas promocionais e da política econômica oficial sobre o crescimento do Bradesco. Os números são significativos: em dezembro de 1972, o Banco contava com 456 agências; hoje possui 841 e está construindo uma nova "Cidade de Deus", em Campinas, Estado de São Paulo. Entre 1971 e 1976, apenas o Banco Brasileiro de Descontos - o principal integrante de um grupo composto por aproximadamente outras 30 empresas - cresceu cerca de 750%: seu item capital e reservas subiu de 450 milhões de cruzeiros para mais de 3.700 milhões.

Depois de mais de três horas em pé, as crianças saíram da Cidade de Deus carregando sombrinhas, camisetas ou mochilas, todas com a inscrição bradesco. Todas ganharam um embrulho com chocolate e guloseimas.

Será que essas crianças participaram da festa? Segundo a sra. Mabel, 40 anos de idade, primária, para

quem a festa "foi grandiosa", só no painel (formando desenhos da Bandeira Nacional de cristo e de flores) havia 468 crianças. Além dessas, outras 1.600 crianças da Fundação Bradesco e 5.500 da rede de ensino oficial de Osasco foram mobilizadas. Nos anos anteriores, diversas crianças desmaiavam depois de horas sob o sol. Outra professora da Fundação Bradesco, com grande naturalidade, declarou à reportagem que "Só um aluno da fanfara desmaiou, porque as fardas eram muito pesadas".

Os estudantes participaram voluntariamente ou foram forçados?

O sr. Baldini, 38 anos de idade, administrador da Fundação Bradesco se revolta com o termo festa: "Festa não, e sim cerimônia com caráter cívico-religioso". Ele afirma que a religião do sr. Amador Aguiar é "Evangélica cristã", uma "soma entre catolicismo e protestantismo". Para ele "não, houve qualquer ajuda do governo e as crianças participaram voluntariamente".

Eduardo Diogo, 17 anos, estudante do colégio da Fundação disse que os alunos sofrem uma "certa influência para comparecerem à comemoração". Para ele, o Bradesco é, ao mesmo tempo, rígido e liberal: "rígido porque impõe normas severas, como o corte de cabelo e

No dia de Ação de Graças, até crianças trabalharam - e de graça - para a TV.

a participação no Dia de Graças, e promete punições: liberal porque nem sempre cumpre as ameaças". Mas, para ele "tem gente que exagera no cabelo; por isso é necessária uma certa pressão. É preciso o corte de cabelo para manter a disciplina". Ele também acha que "a maioria dos alunos já se acostumou com isso".

Celso, 18 anos, ex-aluno do ginásio da Fundação, acha que Amador Aguiar é "protestante presbiteriano". Estudou no Bradesco até há dois anos

Cidade de DEUS

Cerca de 10 mil pessoas trabalham, 2 mil estudam e mil e quinhentas residem sempre sob os olhares atentos da VIBRA. A qualquer momento, sob quaisquer suspeitas, podem ser chamadas para prestar esclarecimento à toda poderosa Segurança.

Aproximadamente 80.000m² de terreno, completamente cercados por muros. Uma polícia particular que atende pelo sugestivo nome de VIBRA (Vigilância Bradesco), com aproximadamente 200 leais integrantes. Onde "cabeludo e barbudo não entram". Assim é a Cidade de Deus. Situada em Osasco, mas não submetida à autoridade do prefeito municipal. Que se diz Cidade, mas em suas bancas são proibidos os seguintes jornais: Pasquim, Movimento, De Fato, Coo-jornal, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, etc. etc. Que se diz "de Deus", mas onde não existe nenhuma igreja ou simples capela. Onde é crime fazer festas após as 22 horas, receber amigos após essa hora ou simplesmente jogar papel na rua.

Nela trabalham 10.000 pessoas. As "irregularidades" (cinco bastam para a expulsão de um morador) são apuradas pela toda poderosa Segurança. Aliás, um de seus integrantes, o investigador Naves, demitiu-se recentemente do Bradesco para assumir o cargo de subdelegado da Vila Campesina, vizinha da Cidade de Deus.

Foi nesse mundo fechado que EM TEMPO conseguiu entrar, nos dois dias que sucederam o Dia de Ação de Graças. Nesse mundo também entram sempre, de helicóptero, os aliados internacionais do maior banqueiro privado "nacional". Gerentes e diretores dos grupos Sanwa Bank, Ltd, do Japão, e do Group European Banks (conglomerado que reúne o Deutsche Bank, a Société Generale, o Amsterdam-Rotterdam Bank e o Creditanstalt-Bankverein), que detêm precisamente 20% do capital do Banco Bradesco de Investimentos.

e saiu "porque não aguentava as pressões e a vida no Bradesco", principalmente em virtude dos métodos brutais do então diretor, Carlos de Oliveira. Afirmou que não se conformava com a obrigatoriedade do "cabelo curto" e as pressões que sofria por questões de higiene "bestas e atoa porque eu sempre tomei meus banhos e minha mãe sempre fiscalizou minhas orelhas". Segundo ele, o diretor tirava os alunos da fila, "aos empurrões", quando "achava que eles estavam com o sapato sem engraxar, as unhas sujas ou com o cabelo comprido". Celso participou duas vezes do Dia de Ação de Graças, em 1974 e 1975 "porque eles escolhiam os mais fortes e corados".

"Nós confiamos em Deus": frase impressa nos envelopes do Bradesco

- Os alunos eram obrigados a comparecer porque eles tiravam ponto da nota. Ninguém gostava, mas todos aceitavam as regras, talvez porque tivessem medo. Existia desconfiança entre os próprios alunos.

No verso, esses envelopes trazem outra frase: "Educaí as crianças, e não será preciso punir os homens".

Os talões de cheques desse banco também têm uma frase, a mesma do enorme letreiro colocado na entrada do principal e bem policiado prédio da Cidade de Deus: "Só o trabalho pode produzir riquezas".

O Sr. Baldini disse à reportagem: - Cidade de Deus é a sede do trabalho. O Bradesco

sempre lutou pelo trabalho porque o trabalho é uma forma de evolução do homem e da sociedade. Então é importante fazer isso (a comemoração do Dia de Ação de Graças) dentro do próprio ambiente de trabalho porque tem um **efeito psicológico**. Tanto é que todo mundo trabalhou ontem (dia 24)".

No Dia de Ação de Graças, o Bradesco não parou. Até as 11,30 horas todos os funcionários trabalharam normalmente. Depois, certamente, tiveram que recuperar o tempo perdido. "Um banco desse tamanho não pode parar nunca", disse um motorista do Bradesco, "como ficaria os computadores? A ordem aqui é faturar!".

Oscar, 26 anos, programador de computadores, ex-funcionário do Bradesco, declarou que a gente sempre teve dois controles de horário: o relógio de ponto das 7 às 13 horas (a jornada de trabalho legal dos bancários é de seis horas) e a listinha do chefe, quando ele queria que a gente chegasse antes ou saísse depois". Oscar disse ainda:

- Eu sempre trabalhei 8 e até 9 horas por dia, mas nunca vi cheiro de hora extra. E tinha que usar cabelo curto e passar por "careta" nos ballinhos do Atlético e do Floresta. Eles viviam prometendo promoção, grande (...): os "chefinhos" só ganham 100 ou 200 cruzeiros a mais do que os outros. Eu saí e ganho o dobro em São Paulo.

O Bradesco quer até a alma de seus funcionários

Apesar de seus apelos a Deus, o Bradesco exige compromissos difíceis de aceitar por parte de seus funcionários. Pelo que foi revelado por Carmem, 27 anos, ex-funcionária, o banco exige que certos funcionários assinem uma **Carta de Princípios para Caixa e Gerente**, que foi estendida para todos os chefes. Carmem recorda alguns tópicos dessa carta:

- Comprometo-me a manter sob sigilo o dinheiro do banco;

- Comprometo-me a colocar os interesses da Nação e do Bradesco acima dos meus próprios;

- Comprometo-me a integrar-me à filosofia de trabalho do Bradesco.

Hélio Macedo, 21 anos de idade, escriturário, já está há cinco anos no Bradesco e parece acreditar numa brilhante carreira dentro do banco, onde a "maioria dos gerentes e diretores não precisou tirar diploma de faculdade para chegar aonde estão". Para ele, o Bradesco gastou muito dinheiro na festa "e acho que agiu certo". Foi à festa para trabalhar, "aliás, os funcionários trabalharam bastante na organização dela", que "é uma comemoração mais para os estudantes". Hélio acredita que a solenidade "é importante por ser uma forma de agradecimento", que ele não sabe muito bem para quem e nem por quê. Um seu colega o esclareceu:

- Pelos lucros que o Bradesco teve durante o ano.

Embora estivesse apenas brincando, o colega de Hélio tinha alguma razão: o Bradesco, segundo dados do Banco do Brasil, tem uma rentabilidade operacional média de 41,3% ao ano, a mais alta de todo o Sistema bancário.

O EXÉRCITO DE MUTILADOS

Uma pequena máquina que se alimenta de braços humanos. Assim pode ser definido o obsoleto motor onde o sisal é desfibrado, largamento utilizado na região sisaleira da Bahia. Um mínimo de descuido e pronto, é mais um braço que se foi. Nesta brancadeira, quase dois mil trabalhadores já perderam a mão e ficaram cotós, formando assim um exército de mutilados.

E quem ficar coto está perdido. Como sobreviver sem um braço em pleno sertão baiano, particularmente numa região onde a lavoura do sisal é praticamente a única atividade econômica? Indenização que é bom não existir, pois como todos empresários que se prezam, os produtores estão preocupados apenas em seus lucros e, é claro, em aumentar a exportação do sisal.

Os trabalhadores do sisal só chamam a atenção sobre si exatamente pelo grande número de mutilados que vivem a perambular nas feiras de cidades como Serrinha e Valente. No resto, eles se assemelham aos demais trabalhadores rurais do Brasil, que conseguem sobreviver com um salário inferior ao mínimo. Só que eles sentem mais na pele o que representa a assistência previdenciária no Brasil e principalmente no campo, onde se tornou um artigo de luxo. Quem perde um braço nem de longe sonha em ser amparado pelo Funrural, que só mostra eficácia, ao menos na região sisaleira da Bahia, em época de eleições. Pág 4



EM TEMPO

SEMANÁRIO NACIONAL

EXPERIMENTAL UM

DEZEMBRO DE 1977